

Sarney, na ONU, denuncia plano contra América Latina

O presidente José Sarney denunciou, ontem, na abertura da 44ª Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, a execução de um "plano Marshall às avessas", que impede o desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, e que somente do Brasil extraiu a quantia de US\$ 56 bilhões nos últimos cinco anos, na forma de transferências líquidas para o exterior. Segundo Sarney, os países ricos estão impondo aos países devedores e pobres do mundo um modelo econômico anacrônico, que nem eles mesmos praticam.

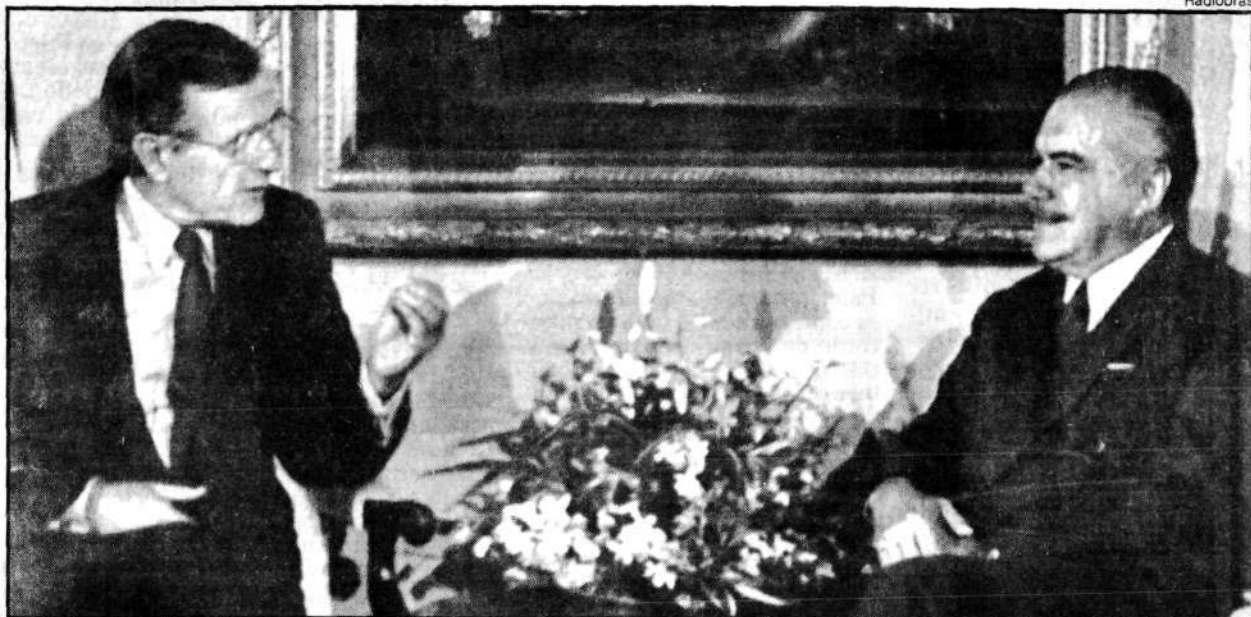
Em seu pronunciamento de 45 minutos, simultaneamente traduzido/em seis idiomas (inglês, espanhol, francês, árabe, russo e chinês), perante um auditório superlotado por representantes de 159 países, o presidente Sarney convidou a ONU a desenvolver esforços para salvar a democracia na América Latina, segundo ele ameaçada pela pobreza, pela dívida externa e pela inflação.

Segundo Sarney, o estabelecimento de uma ordem econômica internacional perversa está levando os países latino-americanos a toda uma onda de violência e a uma carga de rebelião que pode, a qualquer momento, aflorar e se alastrar incontrolavelmente.

Recessão à vista

Para Sarney, o que está em jogo na América Latina não é mais nenhuma questão ideológica, nem a dicotomia entre capitalismo e socialismo. O que está em jogo — afirmou o presidente — "é o modelo de desenvolvimento", modelo que, segundo ele, vem gerando pobreza. "O dilema agora não é militarismo ou populismo, mas a recessão ou o crescimento" — disse Sarney.

O presidente brasileiro criticou, em seguida, a interdependência do mundo "que somente nos tem mostrado sua face negativa", deixando aos países em desenvolvimento a pior parte. Denunciou, em seguida, a existência de 145 milhões de menores carentes no Ter-



Em seu terceiro encontro, Bush e Sarney falaram com franqueza sobre o impasse da dívida

ceiro Mundo, o que ele considera uma versão contemporânea da juventude miserável apontada por escritores como Charles Dickens, Victor Hugo e Dostoiévski.

"Serão os valores democráticos capazes de responder às questões de sofrimento, miséria, pobreza, desigualdade, exploração e violência que integram o nosso cotidiano? Estão as democracias dos países ricos solidárias com as nossas causas, ou apenas preocupadas com o seu bem-estar, condenando-nos à marginalidade?" — indagou o presidente.

Para o presidente, não há como evitar que os valores democráticos sejam contestados, se eles não forem capazes de responder aos legítimos anseios das sociedades pobres. Em seguida, destacou que "já é tempo de reconhecer que o remédio para o problema da dívida externa tem melhorado sobretudo a saúde financeira dos países credores, pois, para os devedores, tem sido uma receita de estagnação e de empobrecimento".

Presidente tem agenda cheia

Nova Iorque — O presidente José Sarney participou ontem, à noite, na sala Charles Engelhardt, do Museu Metropolitano de Arte, de recepção e jantar oferecidos pelo presidente dos Estados Unidos, George Bush. Esse foi o último compromisso de ontem do chefe do Governo brasileiro em Nova Ior-

que. Hoje além de um almoço com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, Sarney se encontrará com a primeira ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, e com os presidentes Paz Zamora, da Bolívia, e Carlos Andrés Pérez, da Venezuela.

E, com Bush, critica apatia

Nova Iorque — O presidente José Sarney expressou ontem ao presidente dos Estados Unidos, George Bush, "a decepção pela apatia e morosidade com que tem sido encaminhado o tratamento de uma solução para o problema da dívida externa brasileira". Na conversa de 35 minutos, no 35º andar do hotel Waldorff Astoria, no centro de Nova Iorque, o chefe do Governo brasileiro aproveitou para propor a criação de um mecanismo que viabilize o fluxo de recursos já contratados para o País.

Depois do encontro com Bush, o terceiro que ocorre desde a posse do presidente norte-americano, em 20 de janeiro último, Sarney falou aos jornalistas. Ele lembrou que o descumprimento das cláusulas contratuais para obtenção de recursos externos partiu dos próprios bancos.

"Quem, evidentemente, não cumpriu o acordo foram os bancos. A partir do acordo passado, que fizemos, eles não entraram com a parte que tinham que entrar, bem como, com os desembolsos que iam ser feitos pelos bancos mundiais de desenvolvimento", acentuou.

"Franqueza"

A sua conversa com Bush ocorreu em tom de "absoluta franqueza", qualificou o presidente Sarney. Ele disse que discorreram so-

bre os problemas que o País atravessa e ouviu do Bush considerações sobre "o papel importante que o Brasil tem representado para a democratização da América Latina. O Presidente brasileiro acentuou, também, que houve "coincidência de pontos de vista", no que diz respeito a questões relacionadas com o meio ambiente. Isso tinha ficado evidenciado nos pronunciamentos que ambos os presidentes proferiram pela manhã, na abertura da 44ª sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU).

Para o presidente Sarney, "houve uma melhora substancial em nossas relações durante o período do presidente Bush", desde o último encontro que eles mantiveram, em fevereiro, em Tóquio, durante os funerais do imperador Hiroito, e em julho, quando se avistaram na França, por ocasião das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, quando ele propôs uma agenda mais positiva nas relações entre Brasil e Estados Unidos.

Sobre a apresentação de uma proposta concreta em relação à dívida externa, Sarney respondeu que isso está sendo conduzido pelos ministros da Fazenda latino-americanos, que se encontram nos Estados Unidos.

Radiobrás